

Pessoal discente

P: De uma forma sucinta, faça, por favor, uma apresentação de si próprio. Há quantos anos estuda nesta escola? Porque razão estuda nesta escola?

R: Entrei para a Academia teria 8/9 anos. Antes disso tinha estudado numas escolinhas e depois comecei a gostar e os meus pais quiseram investir mais. Gosto de andar na academia como um *part-time*, aliviar do *stress* como alguns vão para o futebol e outras coisas. Num determinado momento tomei consciência de que estava a gastar muito dinheiro porque esta escola é cara e então decidi levar as coisas mais a sério. Fiz o exame de 5º grau e a aposta seguinte foi realizar o 8º grau. Estou com ideia de terminar o curso de piano no próximo ano. Este ano termino algumas disciplinas e ficarei só com Piano. Como estou a frequentar o ensino superior – Engenharia de Madeiras – não tenho tanto tempo para dedicar ao piano. A minha aposta profissional não passa pela música, no entanto quero acabar o curso de piano, depois logo se verá.

P: Considera-se um aluno activo e interventivo na vida da escola? A escola permite-lhe intervir assiduamente ou os espaços de intervenção são limitados?

R: a minha intervenção não é muita. Aqui é mais ter aulas e pouco mais. Há audições todos os meses e no final de cada semestre há audições com maior peso e os alunos têm o direito de participar. Não há uma associação nem há um espaço onde os alunos possam reunir.

P: A escola tem devidamente constituída uma associação de estudantes? Considera importante existir uma associação de estudantes?

R: A escola não tem constituída uma associação de estudantes que se existisse poderia favorecer muitas coisas. Esta é uma escola bastante antiga com problemas estruturais e onde não há um desafogo financeiro. Há cerca de dois anos melhorou-se algum equipamento, como foi a aquisição de alguns pianos e quadros, de resto, o essencial existe. Quanto ao ensino, à relação dos professores com os alunos acho que há muita rivalidade entre os professores. Existe uma meia dúzia de professores mais antigos que conhecem os alunos desde o princípio e há um conjunto de professores novos com novas ideias e nota-se bem que entre eles há faíscas. Os professores novos que querem ensinar o máximo, às vezes levam uma cacetadas por trás e isso não é benéfico para a escola e para os alunos. Não sou contra um corpo docente estável, mas já sou contra um corpo docente estagnado, compreende? Devo também realçar que há alunos que não estão interessados em seguir música. Os professores normalmente marcam trabalho mas como

estes alunos não querem trabalhar muito, os professores deixam de ser tão exigentes com eles. Isso leva a que alunos passem de ano para ano sem terem os requisitos mínimos para tal. Se os alunos tivessem uma representação formal nos órgãos pedagógicos poderiam apresentar propostas que contribuíssem para melhorar o funcionamento da escola em alguns destes parâmetros. Ainda outra coisa, observo que a relação entre os professores e os funcionários também não é muito boa, principalmente entre as funcionárias da secretaria e os professores. Estas rivalidades entre professores/professores e funcionários/professores não diz bem da escola. O ensino que a escola dá, acho que comparativamente com outras, o nível é baixo. Não que a culpa seja só da escola mas porque os alunos não entendem a escola todos da mesma maneira. O aluno de música pode ser dividido em três níveis: baixo, médio e elevado. É claro que são estes últimos que pretendem ir mais longe e ingressar no ensino superior e serem profissionais. Há alunos que não são tão dedicados porque dão mais importância aos estudos do liceu e prejudicam os estudos musicais. No meu caso pessoal não prossegui os estudos musicais porque não me considerava naquele grupo dos melhores, talvez porque a minha auto-estima não seja muito alta. Até houve professores a alunos que me incentivaram mas o curso que estou a seguir também me agrada muito.

P: A participação dos estudantes nos órgãos de direcção e gestão da escola não poderia contribuir para dar voz aos alunos e aumentar o grau de democraticidade da escola?

R: Desconheço se o Regulamento Interno da escola possibilita a intervenção dos alunos nos órgãos de direcção e gestão. A participação dos alunos não duvido que aumentaria os níveis de democracia pois os seus contributos poderiam conduzir à inovação. Mas não vejo essa participação fora da associação de estudantes. Há alunos que pela idade já são encarregados de educação de si próprios e, como todos os encarregados de educação, podem assistir às reuniões da assembleia, mas a percentagem desses alunos é reduzida. A representação dos alunos seria feita por eleição, não quer dizer que fossem escolhidos somente os mais velhos. Neste momento são os professores que ainda vão defendendo os interesses dos alunos embora, por vezes, não sejam os mais apropriados.

P: Conhece os órgão de direcção e gestão da escola e as pessoas que os constituem?

R: Conheço bem as pessoas que constituem a DP, inclusivamente alguns elementos são meus professores. O mesmo não se passa relativamente aos restantes órgãos, desconheço totalmente a sua composição.

P: Em sua opinião quem define a estratégia da escola, o director pedagógico/direcção pedagógica ou a direcção administrativa? Quais destes actores reúne maior poder?

R: Claro que a DA reúne maior poder porque gere o sector financeiro. A área pedagógica deveria ser a mais valorizada mas, não havendo dinheiro, nada se pode fazer. Há iniciativas interessantes mas a sua concretização não é fácil. Basta, por exemplo, a realização de um concerto fora da escola. É preciso movimentar um conjunto de pessoas, tratar do transporte dos alunos e professores, deslocar instrumentos, é toda uma despesa que tem de ser devidamente ponderada. A escola não é uma “arca de ouro”, há muitas dificuldades.

P: A nível pedagógico como avalia a escola? É uma boa escola ou o que é que lhe falta para ser uma boa escola?

R: No meio onde se insere é uma boa escola, mas já foi melhor do que é hoje. Os professores já se cansaram, estão mais acomodados e não se interessam tanto pelos alunos. Para se tornar uma melhor escola acho que nos órgãos pedagógicos deveria haver mais rotatividade; deveriam vir para a escola novos professores mais dinâmicos, com outros métodos mais activos. Sempre com as mesmas pessoas entra-se numa rotina, numa monotonia que não é favorável. Não se sai de umas audições sempre iguais e de uns festivais que até não são totalmente organizados pela escola.

P: Sempre que precisa de resolver algum assunto/problema na escola a quem se dirige preferencialmente?

R: Como não gosto de consumir as pessoas, muitos dos meus problemas ficam comigo. Se tenho mesmo de os resolver falo com os meus professores, alguns deles da DP. Poucas vezes vou à secretaria, principalmente peço opinião aos professores, conforme as circunstâncias.

P: Se necessitar de contactar com o director pedagógico/direcção pedagógica da escola é simples fazê-lo?

R: Tenho muita facilidade de contactar com esses professores até porque são meus professores, alguns deles. Entretanto existe um horário próprio de atendimento, acho que duas vezes por semana.

P: Os problemas e assuntos que coloca ao director pedagógico/direcção pedagógica têm sido por norma resolvidos ou eternamente adiados?

R: Pessoalmente não tenho razões de queixa, mas pelo que sei, às vezes a resposta não é muito eficaz. Parece-me que deixam acumular os assuntos e depois há dificuldade em dar respostas rápidas.

P: Se já propôs algum assunto à direcção da escola de interesse para a vida da escola a sua proposta foi tida em consideração?

R: Sou uma pessoa que me interessa bastante por esta escola e tenho pensado em formas de melhorar o seu funcionamento, mas não passo daí. Por exemplo, os alunos de piano são mais discriminados que os outros. Não pelos professores mas pelos próprios alunos. A maioria dos alunos de cordas e sopros estão inseridos nas orquestras, bandas e os alunos de piano não têm essa oportunidade. Os pianistas nas aulas de conjunto normalmente vão para coro e os outros vão para as orquestras. Parece claro que de vez em quando se deveriam criar condições para que o coro se apresentasse com a orquestra em conjunto, até para motivar os alunos de coro que não têm tanta oportunidade de apresentar o seu trabalho. Tenho pensado nisto e pretendia apresentar a proposta à DP: Felizmente soube que neste ano lectivo criou-se um projecto que vai ao encontro das minhas ideias. Parece que adivinharam. Finalmente acordaram. Mas outras ideias têm germinado na minha cabeça. Naturalmente que se houvesse uma associação de estudantes poderíamos discutir e partilhar ideias. Muitas cabeças a pensar pensam mais que uma só cabeça.

P: Considera haver na escola um ambiente favorecedor de práticas democráticas em que a participação dos diferentes actores na definição das políticas educativas é correntemente solicitada?

R: Sabe? Existe uma enorme monotonia. A norma é entrar na sala, sair da sala, entrar a correr e sair a correr. Por vezes conhecemos mal os colegas que se sentam ao nosso lado. É entrar e sair. Está-se bem aqui, gosta-se da escola, mas faltam espaços de convívio, espaços de diálogo. Os alunos mais velhos como se conhecem melhor ou então porque integram orquestras encontram-se mais e relacionam-se melhor. Não é dado tempo para que as pessoas intervenham mais na escola.

P: A participação de actores externos na vida da escola, como pais e outros elementos da comunidade, tem trazido vantagens ou aumentado a conflitualidade interna?

R: Esta participação não se observa muito. Também não é muito solicitada. Parece-me que para que se torne mais significativa é preciso que os órgãos da escola também se renovem. As cabeças que comandam devem ser mais diversificadas. É importante alargar esse espectro. Vejo algumas desvantagens dessa participação. Basta pensar que cada um possa defender pontos de vista pessoais. Os pais podem não representar os interesses colectivos mas apenas os seus.

P: Na sua opinião quem sabe mais da vida da escola, sobre os alunos, os professores, os pais, etc.?

R: Tenho alguma dificuldade. Vejo um professor M: L.... que pelo que conheço é uma pessoa que já se interessou bastante pela Academia mas tudo tem limites. Vê, isto está a funcionar mal, aponta as ideias, ninguém quer apanhá-las e ela cansou-se e agora está como simples professora, dá aulas e mais nada. Mas tem a visão clara do que deve ser a escola. É uma pessoa que se dedica muito à escola.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Agostinho Vieira, Junho/2003